

## Silêncios e mistérios

---

A mensagem do Zé Paulo deixou-me deveras preocupado. Somente o seu entusiasmo me ajudou a esbater o temor de um desenlace: *Caro amigo Zé Pacheco, esta doença é mais chata porque ocupa demasiado tempo (consultas, exames, tratamentos, etc). Estou a recuperar bem a mobilidade e já passei da cadeira de rodas para as canadianas. Estou a fazer quimioterapia e as minhas barbas parecem condenadas... Lá se vai o velho visual! No tempo e com a energia disponível já comecei a trabalhar no projecto que tinha para a Revista. Como calculas, conto sempre contigo.*

Longe do meu país, amigos davam-me notícias de alguma esperança e de muitas recaídas. Alguns meses decorridos, a saudade dos meus netos trouxe-me a Portugal, num Setembro em que as escolas se animam com a alegria das crianças. Porém, este foi um Setembro triste. A primeira notícia que deram foi a da sua morte. Quando foi a sepultar, preenchi o silêncio com palavras do Brecht, que nos fala de homens que lutam toda a vida e são imprescindíveis... Regressado ao meu voluntário exílio, escrevi estas linhas para lhe dizer que esta não será a última "página", porque a memória dos homens bons é perene e outros companheiros retomarão o seu afã. O Zé Paulo não desejava ter um funeral religioso. mas ajudou a re-ligare o que na educação está separado. A sua reflexão, fértil e profunda, aliada ao profundo conhecimento dos professores, contribuiu para reduzir a solidão da docência e para alimentar solidariedades.

Há cerca de vinte anos, escreveu na sua Página que os professores *precisam mais de interrogações do que de certezas...* É como dizes, amigo Zé Paulo: que certezas temos? Quase nada sabemos dos mistérios da vida nem da morte que, prematuramente, nos roubou o teu convívio. Talvez por isso, me ocorreu falar-te de mistérios, num textinho como aqueles que te fui enviando, ao longo de tantos anos em que contigo aprendi até nos silêncios. A Soraia era uma menina "difícil" – como disseram os seus professores e colegas – pois se quedava num mutismo inviolável. Se lhe dirigiam alguma pergunta, olhava para o chão. Ao cabo de alguns dias de prudentes aproximações, logrei uns instantes de atenção. Tantas perguntas lhe dirigi, que dela obtive uma breve fala:

*Vejo coisas. Mas os outros meninos fazem troça de mim. Até a minha mãe me diz para ter juízo...*

*Eu acredito que tu vês coisas.*

*Você acredita? Sério?*

*Sim. Que coisas vês?*

*Um menino de camisa de mangas aos folhos, que sai de uma pedra, na eira do cafezal, todos os dias, por volta das três da tarde. Volta a entrar na pedra, quando o sol vai embora. Eu falo com ele. Não falo palavras, mas sei brincar com ele. As pessoas grandes dizem-me que ele não existe, que é imaginação... Você não tem medo do que eu estou dizendo?*

*Não. Porquê? Deveria ter?...*

Sorriu. Fomos brincar na eira do cafezal. Porque nem só do cognitivo vive o homem e porque o Caeiro, há já um século, escreveu o essencial: *pensar é estar doente dos sentidos*. É porque sinto – e porque creio que todos os companheiros sentem – a tua indelével, sábia e tranquila presença, não te direi adeus. Continuarei a enviar-te uns textinhos.

José Pacheco